



IMAGEM CORPORAL, SUBJETIVIDADE E BEM-ESTAR EM MULHERES COM CÂNCER DE MAMA: UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA

Anny Elise Braga ¹, Ariana Ferrari ²

¹Acadêmica do Mestrado em Promoção da Saúde, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. Bolsista PROSUP/CAPE- UniCesumar. Mestrado.annyeliseb@outlook.com

²Doutora em Oncologia pela Fundação Antonio Prudente. Docente do Programa de Pós-graduação em Promoção da Saúde- Campus Maringá-PR- UNICESUMAR. ariana.ferrari@unicesumar.edu.br

RESUMO

O câncer de mama é a neoplasia maligna de maior incidência entre mulheres e provoca impactos físicos e subjetivos profundos. Esta revisão narrativa reuniu evidências publicadas entre 2020 e 2025 sobre a interface entre corpo, imagem e afeto em mulheres com câncer de mama, com foco nas estratégias de enfrentamento psicológico. A busca foi realizada nas bases PubMed, Scopus, Pepsic e SciELO, com descritores relacionados a imagem corporal, subjetividade, autocompaixão, ACT e saúde da mulher. Os achados indicam que as alterações corporais decorrentes do tratamento (mastectomia, alopecia, alterações corporais) alteram a autoimagem, gerando sentimentos de vergonha, culpa e despersonalização. Intervenções baseadas na Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT) e programas que incorporam autocompaixão demonstram efeitos promissores na aceitação corporal e na qualidade de vida, especialmente quando integradas a abordagens multidisciplinares. Ressalta-se a necessidade de estudos com delineamentos metodológicos robustos e de maior detalhamento sobre mecanismos de mudança terapêutica.

PALAVRAS-CHAVE: Câncer de mama; Imagem corporal; Subjetividade; Terapia de Aceitação e Compromisso; Saúde da mulher.

1 INTRODUÇÃO

O câncer de mama constitui a neoplasia maligna mais incidente entre mulheres em todo o mundo, configurando-se como um relevante problema de saúde pública e um desafio multidimensional no campo da atenção integral à saúde da mulher. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021), são diagnosticados anualmente cerca de 2,3 milhões de novos casos globalmente, com projeções de crescimento em decorrência de transformações nos padrões reprodutivos, envelhecimento populacional e mudanças no estilo de vida. No Brasil, estimativas do Instituto Nacional de Câncer apontaram, para o ano de 2023, aproximadamente 66.280 novos casos, com uma taxa de 43,70 casos por 100 mil mulheres. Tais dados reforçam a necessidade de ações que não se restrinjam ao diagnóstico precoce e ao tratamento biomédico, mas que também contemplem os efeitos psicossociais e subjetivos da doença (INCA, 2022).

O câncer de mama é um problema relevante de saúde pública, com implicações que vão além da sobrevida afetando a identidade corporal, a sexualidade e a integração social da mulher. Procedimentos terapêuticos (mastectomia, quimioterapia, terapias hormonais) implicam mudanças físicas que reverberam na autoimagem e na autoestima. (Morgado *et al.*, 2024; Tigre *et al.*, 2022). Apesar do reconhecimento crescente da necessidade de cuidado psicossocial, lacunas permanecem quanto à integração sistemática das intervenções psicológicas (aceitação, autocompaixão) e da avaliação de sua eficácia em contextos reais de cuidado.

Contudo, a literatura evidencia que mulheres com câncer de mama vivenciam não apenas transformações físicas, mas também uma desorganização identitária que afeta suas relações interpessoais, seu posicionamento no mundo e a forma como se percebem (Morais, 2020; Oliveira *et al.*, 2010). De acordo com Paula, *et al* (2023), a mastectomia, demanda não apenas cuidados pós-operatórios, mas também acolhimento psicológico e



estratégias que promovam a ressignificação do corpo. Nesse contexto, intervenções voltadas ao cuidado estético e à expressão social do ser mulher, como oficinas de beleza, reconstrução mamária e uso de acessórios têm se mostrado eficazes na melhora da autoestima e da confiança pessoal (Santos *et al.*, 2021).

Ainda assim, observa-se uma lacuna na literatura no que se refere à articulação entre corpo, imagem e afeto no processo de adoecimento oncológico. Dessa forma, torna-se fundamental sistematizar as evidências disponíveis sobre essa interface, de modo a subsidiar o aprimoramento das estratégias de cuidado psicológico e social no contexto do câncer de mama. Esta revisão objetiva sistematizar a produção recente (2020–2025) sobre imagem corporal, subjetividade e estratégias psicológicas de enfrentamento em mulheres com câncer de mama.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de caráter qualitativo e descritivo, que teve como objetivo reunir evidências publicadas entre 2020 e 2025 sobre os impactos subjetivos do câncer de mama em mulheres, com ênfase na imagem corporal, afetividade, autoestima e estratégias de enfrentamento psicológico.

A busca foi realizada nas bases PubMed, Scopus, Pepsic e SciELO, utilizando os descritores combinados: “câncer de mama”, “imagem corporal”, “subjetividade”, “autocompaixão” e “saúde da mulher”. Foram incluídos estudos empíricos qualitativos, quantitativos e mistos, além de protocolos de ensaio clínico, revisões e relatórios que abordassem imagem corporal, subjetividade e intervenções psicológicas, como ACT e autocompaixão, em mulheres com câncer de mama, publicados entre 2020 e 2025. Estudos teóricos também foram considerados quando trouxeram contribuições conceituais relevantes. Excluíram-se relatos de caso isolados e trabalhos que não abordassem diretamente a temática proposta.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os efeitos do tratamento oncológico vão muito além das alterações fisiológicas, estendendo-se de maneira profunda à esfera biopsicossocial da mulher. As transformações físicas decorrentes da quimioterapia, mastectomia e terapias hormonais, como a queda de cabelo, o ganho de peso, as cicatrizes e a perda da mama, incidem diretamente sobre a imagem corporal, afetando significativamente a forma como a mulher se vê, se sente e se posiciona no mundo (Morgado *et al.*, 2024; Tigre *et al.*, 2022). A qualidade de vida relacionada à imagem corporal tende a diminuir de forma expressiva durante o tratamento, especialmente nas fases iniciais, quando as mudanças são mais abruptas e visíveis (Caiza-Tipan *et al.*, 2023).

Nesse contexto, a construção da autoimagem revela-se como um processo subjetivo que vai além da adesão a padrões estéticos socialmente impostos. A forma como a mulher percebe e valoriza seu corpo está enraizada em aspectos emocionais, relacionais e existenciais, que se tornam especialmente sensíveis durante o enfrentamento do câncer. Marques *et al.* (2025) destacam que a autoestima é estruturante para a saúde mental da mulher e que o corpo atua como um pilar central desse processo, dessa forma, quando esse corpo sofre modificações estéticas e funcionais, como no caso da mastectomia, ocorre uma ruptura identitária que compromete a autoconfiança e o senso de pertencimento social. Embora estratégias como o uso de cosméticos, próteses e procedimentos reconstrutivos sejam importantes para o resgate da autoestima, outras formas de cuidado como a psicoterapia, a prática de atividades prazerosas, a valorização das preferências individuais



e o fortalecimento dos vínculos sociais mostram-se fundamentais para sustentar o bem-estar emocional durante o tratamento (Santos *et al.*, 2021).

Além disso, é preciso considerar que essas experiências corporais não ocorrem em um vácuo cultural. Em sociedades marcadas por ideais normativos de beleza, juventude e magreza, o corpo feminino é frequentemente objetificado e condicionado a desempenhar papéis estéticos rigidamente valorizados (Merino *et al.*, 2024). A mídia e o mercado reforçam constantemente representações idealizadas da mulher, o que acentua o sofrimento daquelas que, em razão do tratamento oncológico, se veem fora desse padrão. A ausência da mama, as assimetrias corporais e as cicatrizes adquirem, portanto, significados que extrapolam a dimensão biológica, tornando-se marcas visíveis de uma feminilidade ferida e de uma subjetividade em reconstrução (Marques *et al.*, 2025). Diante disso, compreender o impacto do câncer de mama exige reconhecer que o sofrimento não está apenas no corpo que adocece, mas também nas narrativas sociais que cerca.

Sob a ótica das terapias comportamentais, especialmente das abordagens contextuais como a ACT (*Terapia de Aceitação e Compromisso*), a relação da mulher com seu corpo pode ser compreendida como um conjunto de comportamentos historicamente moldados por contingências sociais, reforçadores simbólicos e regras culturais internalizadas. O sofrimento relacionado à autoimagem, nesse caso, é intensificado por repertórios rígidos de autocrítica e comparação social, que podem ser desarticulados por meio de intervenções baseadas em aceitação, autocompaixão e ampliação de repertórios de cuidado de si (Trindade *et al.*, 2025). Essas abordagens favorecem significativamente para a regulação emocional e fortalecem o senso de controle da paciente sobre sua vivência com a doença, ressaltando a relevância de sua inclusão em propostas terapêuticas integradas (Stuntz; Linehan, 2022).

Por fim, é imprescindível reconhecer que a complexidade da vivência oncológica exige uma abordagem clínica ampliada e articulada entre diferentes áreas do saber. A literatura recente reforça que a atuação interdisciplinar entre profissionais da saúde, tais como, psicólogos, médicos, fisioterapeutas, nutricionistas e enfermeiros, contribui para a integralidade do cuidado, melhora os indicadores de bem-estar e favorece a continuidade do tratamento (Souza *et al.*, 2024; Medeiros do Paraíso *et al.*, 2025). Dessa forma, promover o cuidado integral requer mais do que técnica: exige diálogo entre saberes, escuta qualificada e compromisso com a singularidade de cada mulher em tratamento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do câncer de mama ultrapassa os limites da biologia e alcança dimensões profundas da subjetividade feminina. As alterações corporais provocadas pelo tratamento, muitas vezes vividas como perdas simbólicas, impactam diretamente a autoestima, a identidade e os vínculos sociais da mulher. Nesse cenário, intervenções fundamentadas na Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), aliadas a uma abordagem interdisciplinar, têm se revelado eficazes ao promover a aceitação das transformações vividas e ao facilitar processos de reconstrução subjetiva da relação da mulher com seu corpo.

Conforme evidenciado na literatura, o enfrentamento do câncer exige mais do que protocolos clínicos: requer escuta ética, sensibilidade relacional e abordagens interdisciplinares que reconheçam o corpo não apenas como objeto de intervenção médica, mas como território de sentido, afeto e identidade. O cuidado oncológico, quando articulado ao reconhecimento das dores subjetivas e às práticas de ressignificação da autoimagem, torna-se mais potente, mais humano e mais alinhado às reais necessidades das mulheres que atravessam esse processo.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Nacional do Câncer – INCA. **Dados e números sobre câncer de mama: relatório anual. Rio de Janeiro:** Ministério da Saúde, 2022. Acesso em:19 jun.2025

CAIZA-TIPAN, E. N.; ARMIJOS-CAMPOVERDE, L. M.; ROMERO-FERNÁNDEZ, A. J.; BENAVIDES-ECHEVERRÍA, B. G. Impacto en la imagen corporal de mujeres con cáncer de mama en tratamiento oncológico. **Revista Arbitrada Interdisciplinaria De Ciencias De La Salud. Salud Y Vida**, v. 7, n. 1, p. 585–592, 2023. DOI: <https://doi.org/10.35381/s.v.v7i1.3626>. Acesso em:19 jun.2025

MARQUES, V. J. T.; FREITAG, V. L.; WEBER, B. K. A percepção da mulher sobre sua autoimagem no período do tratamento do câncer de mama. **Cadernos Cajuína**, v. 10, n. 1, e854, 2025. DOI: <https://doi.org/10.52641/cadcajv10i1.854>. Acesso em:18 jun.2025

MERINO, M. et al. Body perceptions and psychological well-being: a review of the impact of social media and physical measurements on self-esteem and mental health with a focus on body image satisfaction and its relationship with cultural and gender factors. **Healthcare (Basel)**, v. 12, n. 14, p. 1396, 2024. DOI: <https://doi.org/10.3390/healthcare12141396>. Acesso em:18 jun.2025

MORAIS, T. S.; CARNIEL, A. Q. Compreendendo a autoimagem e a autoestima em adolescentes com câncer: uma revisão integrativa. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 5, n. 5, p. 125–140, 2020. Acesso em:18 jun.2025

MORGADO, F, M.; PEREIRA CARDOSO, M.; CRISTINA DIAS DE OLIVEIRA, A.; GABRIEL MACEDO VEIGA, A. Câncer de mama e a sexualidade da paciente oncológica. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 8, p. 546–567, 2024. DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n8p546-567>. Acesso em:18 jun.2025

OLIVEIRA, L. G. F. et al. Reflexões acerca dos desafios enfrentados pela equipe multidisciplinar quanto à integralidade do cuidado na Atenção Primária à Saúde. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, São Paulo, v. 7, n. 14, p. e14973, 2024. DOI: <https://doi.org/10.55892/jrg.v7i14.973>. Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/973>. Acesso em: 20 jun. 2025.

PAULA, E. de et al. Autoimagem da mulher mastectomizada: impactos e repercussões advindos do câncer de mama. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 5, n. 5, p. 1360–1382, 2023. DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2023v5n5p1360-1382>. Acesso em:18 jun.2025



PARAÍZO, J. L. M. do et al. Abordagem multidisciplinar na atenção à saúde da mulher: integração de especialidades para um cuidado integral. **A.R International Health Beacon Journal**, v. 2, n. 5, p. 39–49, 2025. DOI: <https://doi.org/10.70779/arihbj.v2i5.317>. Acesso em: 18 jun.2025

SANTOS, M.; AMORIM, A. P. L.; RODRIGUES, A. Elevando a autoestima: a associação do cosmético como recurso terapêutico para mulheres em tratamento oncológico. **Visão Acadêmica**, v. 22, n. 1, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5380/acd.v22i1.79235>. Acesso em: 15 jun.2025

STUNTZ, E.C. **Enfrentando o cancer: habilidades da terapia comportamental Dialética (DBT) para lidar com suas emoções e equilibrar as incertezas com esperança**/ Elizabeth Cohn Stuntz, Marcha M. Linehan; tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa, revisão técnica: Vinícius Guimarães Dornelles. - **Porto Alegre: Artmed**, 2022. Acesso em: 15 jun.2025

TRINDADE, I. A. et al. Eficácia e custo-efetividade de uma intervenção baseada em ACT e compaixão para mulheres com câncer de mama: protocolo de estudo de dois ensaios clínicos randomizados. **Trials**, v. 26, n. 5, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1186/s13063-024-08626-4>. Acesso em: 19 jun.2025

TIGRE, D. B. de S.; RODRIGUES, K. C.; PUCCI, S. H. M. A sexualidade da mulher com câncer de mama após a mastectomia total. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 11, p. 1382–1399, 2022. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v8i11.7730>. Acesso em: 19 jun.2025

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Breast cancer: prevention and control**. **Genebra**: OMS, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/breast-cancer>. Acesso em: 20 jun. 2025.